O censo agropecuário e o futuro

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

Em 1990, o censo agropecuário não foi realizado. Acontecerá o mesmo em 1993?

Tradicionalmente, janeiro é momento de fazer balanços sobre o ano que acabou de se encerrar e de formular bons propósitos que deverão pautar a conduta nos meses que se seguem. 1995 se apresenta como momento significativo. Começa um governo no qual todos depositam as esperanças de finalmente sair da chamada década perdida (que, aliás, se estendeu bem além de seu limite) e reencontrar o caminho de um crescimento que parece o destino natural da economia brasileira. Pode-se também pensar que se inicia a contagem regressiva para a entrada em um novo milênio.

Começa um governo no qual todos depositam as esperanças de finalmente sair da chamada década perdida e reencontrar o caminho do crescimento da economia brasileira.

As dificuldades não escapam a ninguém e não é este o momento de esmiuçá-las. Mas 1995 também lembra que o último censo agropecuário foi realizado 10 anos atrás, e este é o ponto que pretendemos enfocar.

Um dos aspectos do quadro de referência que orienta a economia em nossos dias é a necessidade de informação. Há um consenso quanto ao papel crucial das estatísticas na tomada de decisões de governos e empresas. Assim, causa espécie saber que o último censo econômico do Brasil foi efetuado há 10 anos. As mudanças registradas desde então, e não foram poucas, só são conhecidas de forma impressionística, por meio de dados parciais que impedem uma visão global de sua importância e abrangência.

A falta dos levantamentos censitários decorreu em parte das dificuldades orçamentárias do governo, mas não há dúvida de que também houve um certo desleixo na avaliação da importância de tais dados para a superação dos problemas concretos da economia nacional, desleixo este refletido no retrocesso registrado pelo sistema nacional de estatística, que impediu a busca de soluções criativas.

Num retrospecto histórico verifica-se que, entre 1920 e 1970, os censos agropecuários foram realizados em bases decenais. A partir de então a freqüência passou a ser qüinqüenal, um progresso que atendia a sugestões das Nações Unidas, organismo que coordena as estatísticas internacionais.

Em 1990 deveria ser implementado novo censo agropecuário, mas as dificuldades de um governo em fase de instalação e a escassez de recursos do orçamento federal fizeram com que as decisões quanto à alocação dos recursos necessários à sua realização fossem adiadas para o ano seguinte e assim por diante, até que, em 1993, o próprio IBGE considerasse mais factível deixar de lado a idéia de fazer censos econômicos relativos a 1990 para se concentrar na próxima data censitária, 1995.

A verdade é que, até o momento, o censo agropecuário de 1995 ainda está em fase de planejamento, sem que se tenha certeza de que haverá recursos financeiros disponíveis no momento oportuno.

Não há dúvida de que a elaboração de um levantamento censitário no meio rural é uma operação dispendiosa e de que há uma considerável demora entre a pesquisa e a publicação de seus resultados. Contudo, é também verdade que só por meio de um censo é possível ter um panorama global de uma agricultura tão heterogênea quanto a brasileira.

Os aspectos estruturais relativos à posse e uso da terra são de mensuração extremamente complexa, se não impossível, por outros tipos de pesquisa. Apesar de haver um setor bastante moderno na agricultura brasileira, não há como ignorar que mais de 80% dos estabelecimentos agropecuários têm menos de 50ha e concentram mais de 70% da mão-de-obra. Embora muitos desses estabelecimentos tenham pouca ou nenhuma viabilidade econômica, se considerados como empresa, têm profundo significado social

como formas de sustentação familiar e cultural. Na maior parte dos casos tais estabelecimentos operam de maneira informal, de modo que o excedente comercializável que levam ao mercado e que, embora individualmente seja mínimo, no agregado pode vir a constituir parcela importante da oferta, não aparece em registros da economia formal. O único modo de se ter uma idéia dessa economia é justamente mediante levantamentos censitários.

A respeito de fatos captados pelo censo e que de outra forma passariam despercebidos, reproduziremos um trecho do artigo do prof. Charles C. Mueller, publicado em *Agroanalysis* de junho de 1987.

"A comparação dos dados da Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de 1985 com os dos censos anteriores revela que, no qüinqüênio 1980-85, o número de estabelecimentos e o pessoal ocupado na agropecuária cresceram a taxas bem maiores do que as do qüinqüênio anterior...

Essa evolução recente esteve associada, basicamente, a alterações que ocorreram no número de pequenos estabelecimentos. Considerando-se, para o país como um todo, apenas os estabelecimentos com menos de 10ha, verifica-se que, enquanto no qüinqüênio 1975-80 o seu número sofreu uma redução de 0,2% (3.841 unidades), no período 1980-85 ele apresentou uma expansão de 18,8% (487.822 unidades). Já os estabelecimentos com 10ha ou mais apresentaram variação bastante parecida nos dois períodos: 7,1%, ou 170.440 unidades, entre 1975 e 1980, e 7,3% ou 187.106 unidades entre 1980 e 1985...

É crucial o papel das estatísticas na tomada de decisões de governos e empresas. No entanto, o último censo econômico do Brasil foi efetuado há 10 anos.

Se no qüinqüênio 1975-80 o número de pessoas ocupadas na agropecuária cresceu apenas 4%, no qüinqüênio subseqüente a expansão foi de 10%. Em termos absolutos, o incremento do pessoal ocupado, que no período 1975-80 foi de pouco mais de 818 mil pessoas, atingiu mais de 2,1 milhões de pessoas entre 1980 e 1985...

Note-se que todas as regiões tiveram evolução semelhante no que concerne à variação do pessoal ocupado em pequenos estabelecimentos: no período 1975-80, todas registraram reduções, e no período 1980-85, todas apresentaram incrementos consideráveis. As reduções de pessoal ocupado em estabelecimentos com menos de 10ha do período 1975-80 foram menores na região Sudeste (-2.438 pessoas) e Norte (-22.823 pessoas) e maiores na região Sul (-215.535 pessoas) e no Nordeste (-127.520 pessoas); no período 1980-85, os incrementos foram maiores no Nordeste (890.365 pessoas), no Sudeste (199.719 pessoas) e na região Sul (151.031 pessoas), enquanto no Centro-Oeste foram os mais reduzidos (25.300 pessoas)...

Pode parecer paradoxal a combinação, registrada no período 1980-85, de uma redução no dinamismo da agropecuária brasileira com os acentuados incrementos do número de pequenos estabelecimentos e do pessoal ocupado em atividades agropecuárias. Chama a atenção, também, a recente reversão na tendência de períodos anteriores, de diminuição do crescimento, ou mesmo, em nível regional, de declínio na magnitude dessas variáveis. Esta seção tem como objetivo determinar as principais causas desses fenômenos...

A hipótese de que o crescimento reduzido do número de estabelecimentos e do pessoal ocupado em pequenos estabelecimentos no período 1975-80 e a rápida expansão destes no qüinqüênio subseqüente resultaram de mudanças na situação econômica e social e nas estratégias de desenvolvimento entre os dois períodos, e de fenômenos como o auge e o fim da seca no Nordeste, é bastante plausível."

De 1985 até agora, a economia brasileira sofreu importantes transformações. A agricultura registrou substancial aumento em seus níveis de rendimento físico, apesar da redução dos preços recebidos pelos agricultores e do declínio do crédito rural, entre outros fatores. Como é que esses fatos se refletiram na estrutura agrária? E a seca que assolou o Nordeste nos anos 90, terá provocado uma reversão no aumento de pequenos estabelecimentos constatado no censo de 1985? A causa apontada no artigo do prof. Mueller para esse fenômeno terá sido confirmada pelos fatos, ou há outras variáveis que devem ser levadas em consideração?

Há um sem-número de questões que só serão respondidas pelo próximo censo agropecuário. Esperamos que haja sensibilidade por parte das autoridades competentes para tomar as medidas necessárias ao preenchimento desta lacuna nas estatísticas nacionais. Afinal, como disse Rudiger Dornbusch, economista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts: "No século XIX, o grande esforço foi elaborar o mapa de um país. No século XX, o equivalente é conseguir um bom conjunto de estatísticas econômicas".